
APRESENTAÇÃO

Ainda que se trate de um tema clássico, é apenas neste final de século que o campo de uma Antropologia voltada para questões relativas ao Corpo e suas manifestações – o corpo doente, o corpo são, o corpo masculino, o corpo feminino, em que cada um destes adjetivos é passível de declinação em plurais significações e é tomado em sua dimensão de fato social – passou a ocupar lugar de destaque nas Ciências Sociais. Várias podem ser as razões para isto. Quem sabe, trate-se de um vislumbre em meio ao lusco-fusco da assim chamada crise dos paradigmas (em que a própria crise já está tão desgastada quanto os paradigmas a que enseja a crítica); além disto, novas modalidades de incentivo à pesquisa, privilegiando o conhecimento antropológico, passam a fazer parte da agenda das agências financiadoras de pesquisa preocupadas com questões de saúde; quem sabe ainda, porque, para além do esfacelamento das grandes determinações como modelo explanatório de realidade social, resta-nos o corpo em sua concretude investida de sua perturbadora radicalidade social.

O corpo sofrido, no gozo, punido, curado ou adestrado é *corpus* de significações, em suas múltiplas relações que o localizam e classificam como parte da realidade social, sujeito ao inquérito antropológico.

Os trabalhos aqui reunidos são todos inéditos e foram criteriosamente selecionados, buscando dar conta da multiplicidade de temas e da diversidade de pesquisadores e instituições representativas deste campo no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos e na França. Trata-se, portanto, de trabalhos que representam esta rede de investigadores e do diálogo que ali (aqui) se instaura. Como fórum deste debate, é fundamental citar o Grupo de Trabalho *Pessoa, Corpo e Doença* da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), e os Grupos de Trabalhos e Mesas na mesma temática nos Congressos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), tanto nos seus encontros nacionais quanto nos encontros da ABA Mercosul. Praticamente a totalidade dos trabalhos aqui apresentados resultam destas discussões e encontros.

Escolheu-se, para iniciar esta reunião de trabalhos, o texto de Luiz Fernando Dias Duarte (Museu Nacional, UFRJ) que apresenta uma proposta que é central e paradigmática nesta discussão, referência esta que estabelece uma interlocução com vários outros artigos aqui também presentes. Para Duarte, “a ciência social para ser ciência do social necessita de uma *relativa relativização* do sistema ideológico que sustenta o seu próprio projeto de ser ciência e deve buscar aproximar-se do modo pelo qual o homem se realiza no mundo”. É na esteira desta proposta de desconstrução radical de corporalidade e dos conhecimentos que a constroem enquanto tal e em suas diversas modalidades que situamos os argumentos dos diversos trabalhos. Pablo Semán (Universidad de Buenos Aires), Simoni Guedes (Universidade Federal Fluminense), Caroso et al. (Universidade Federal da Bahia), Jane Russo (IMS, Universidade do Estado do Rio de Janeiro) todos abordam questões relativas a sistemas de cura e a noção de *pessoa* que estas representações envolvem. Outro eixo temático presente neste volume é o do disciplinamento e controle corporal, construído da força e/ou masculinidade inscrito nos corpos, discutidos aqui pelos artigos de Michael Kimmel (CUNNY, New York), de Telma Camargo da Silva (Universidade Federal de Goiás) e de Mara Viveros (Universidad Nacional da Colombia). Vale notar que Kimmel é referência já clássica com sua proposta conceitual sobre a noção mesmo de masculinidades. Os dois textos finais, de Knauth et al. (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e de Alain Giami (Institut National de Santé et de la Recherche Médicale, França) e de Chantal Lavigne (Université d’Angers, França) tratam de AIDS – problema e tema que, em sua emergência recente, baliza de forma definitiva os próprios contornos de uma *Antropologia do Corpo e da Doença*. O trabalho de Renato Athias (Universidade Federal de Pernambuco) etnografa os Hupdë-Maku do alto Rio Negro, em questões relativas à enfermidade – a intenção foi de concluirmos trazendo nossas inquietações para a dimensão da alteridade originária do fazer antropológico, os grupos indígenas.

É, portanto, com grande satisfação que o NUPACS (Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande Sul organiza um volume de *Horizontes Antropológicos* dedicado a esta temática. A linha de pesquisa de uma Antropologia do Corpo dentro deste Programa de

Pós-Graduação tem sido extremamente fértil, e o NUPACS, sem dúvida, tem sido uma instância importante de pesquisa e de discussão nesta área no contexto nacional. Agradecimentos especiais a todos os pesquisadores vinculados ao Núcleo que contribuíram para a organização deste volume, sobretudo Daniela R. Knauth e Ceres G. Víctora que, junto comigo, assumiram este projeto.

A figura escolhida para compor a capa deste número de *Horizontes Antropológicos* dedicado à Antropologia do Corpo e da Saúde é extremamente sugestiva: trata-se da obra *O Milagre* do artista plástico Sante Scaldasferri. O quadro é parte do acervo do Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador – e agradecemos a Heitor Reis, diretor do Museu, que autorizou a sua reprodução.

Ondina Fachel Leal